



REP's - Revista Even. Pedagógica.

Número Regular: Documentação Pedagógica: experiências com projetos

Sinop, v. 9, n. 1 (23. ed.), p. 232-248, jan./jul. 2018

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

SINOP, SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA E EDUCACIONAL, A PARTIR DE SUAS TRÊS PRIMEIRAS ESCOLAS ESTADUAIS¹

Ledir Feyh Steffen

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

Este artigo visa conhecer a construção do sistema escolar e as contribuições que estas evoluções trouxeram para o desenvolvimento e crescimento da educação no município de Sinop/Mato Grosso. O estudo de caso foi realizado com professores que lecionaram, entre os anos de 1978 e 2015 nas Escolas Estaduais Enio Pipino, Nilza de Oliveira Pipino e Olímpio João Pissinati Guerra. A metodologia foi de abordagem qualitativa. Os resultados apontaram muitos avanços, dentre o qual, a transformação do município em polo educacional. Embasamento teórico com Edison Antônio de Souza, Luiz Erardi dos Santos e Ana Paula da Silva Xavier.

Palavras-chave: Educação. Evolução histórica. Sistema escolar. Contribuições.

1INTRODUÇÃO

Em 1970, através de incentivos fiscais advindos do Governo Federal para que as terras na Amazônia fossem ocupadas, o Grupo Sinop adquiriu terras na pré-Amazônia Mato-grossense, em Chapada dos Guimarães que teve seu primeiro distrito em 1972, o qual passou a ser chamado de Gleba Celeste. Esse projeto de

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A CONSTRUÇÃO DO SISTEMA ESCOLAR A PARTIR DE TRÊS EXEMPLOS DE SINOP/MT (1978 a 2015)**, sob a orientação do Professor Dr. Edison Antônio de Souza, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2017/2.

colonização previa quatro cidades: Vera, Sinop, Carmem e Cláudia, dentre elas, Sinop se destacava pois estava a margem da BR 163 (CARDOSO, 1989, p. 266).

O município de Sinop foi fundado pelo grupo Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná – SINOP, em 14 de setembro de 1974 e foi emancipada em 17 de dezembro de 1979. Seus primeiros colonizadores vieram da região Sul do Brasil em busca de novas histórias de vida e sonhos (CARDOSO, 1989, p. 266).

Através do empenho desses primeiros colonizadores, Sinop cresceu rapidamente, e é hoje uma das cidades que mais cresce no Brasil. Assim, objetivava-se apresentar um relato histórico da evolução da cidade de Sinop, apontar a evolução e crescimento do setor educacional e expor a contribuição do setor educacional para um melhor desenvolvimento da cidade.

Vale salientar que a educação é fundamental para o crescimento e desenvolvimento de qualquer região, gerando confiança para construir um futuro melhor, apontando diversos caminhos e assim oportunizando resultados positivos dentro do contexto social onde esse cidadão estiver inserido.

A educação objetiva a interação social e cultural, oportunizando as mais diversas formas de expressão, comunicação e construção do saber. O conhecimento adquirido com base no setor educacional culmina com o progresso social.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE DE SINOP/MT

O Grupo Sinop, no ano de 1970, recebeu incentivos fiscais do Governo Federal, com o fim de que empresários viessem a ocupar áreas na Amazônia, e com esses incentivos o grupo veio a adquirir terras na pré-Amazônia Mato-grossense, em Chapada dos Guimarães. A colonização do denominado “Núcleo Colonial Celeste”, que era o primeiro distrito de Chapada dos Guimarães se iniciou em 1972. Mais tarde, teve sua denominação alterada para “Gleba Celeste”, esta chegou a ter 645.000 hectares.

O projeto colonizador previa a fundação de quatro cidades, três delas com nome de mulher, tendo sido Vera a primeira a ser implantada. Depois vieram os projetos de Sinop, de Carmem e Cláudia. Sinop era a mais importante de todas, devido a sua estratégica localização, justamente às

margens da rodovia BR-163, estrada cuja construção começou depois da presença do grupo Enio Pipino na região. (CARDOSO, 1989, p. 266).

Essas cidades se desenvolveram exclusivamente no setor primário extrativismo vegetal, mineral, agrícola e pecuária. Sinop destacou-se por possuir o maior parque madeireiro do Estado, sendo esta uma das mais importantes atividades industriais da cidade. Ademais, a cidade de Sinop diferencia sua economia, evidenciando a educação de nível superior. Nos últimos anos Sinop veio a receber um fluxo grande de pessoas, maiormente profissionais que possuem nível superior, fazendo assim, com que a cidade deixe de ser um local transitório e passe a ser permanente para boa parte da população.

O INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) foi responsável por apreciar e aprovar o projeto de colonização para que este pudesse ser implantado. São critérios para aprovação de projeto de colonização junto ao INCRA: a) deve conter registro no INCRA a empresa que for colonizadora; b) ter um título de domínio da área que será colonizada; c) possuir plano de projeto de colonização que conste sua viabilidade econômica; e d) o órgão fiscalizador (INCRA) apresenta normas que devem ser atendidas. É de responsabilidade da colonizadora implantar infraestrutura básica; infraestrutura social (escolas, postos de saúde...) e assistência técnica e creditícia. Se a colonizadora não fizesse implantação de uma infraestrutura mínima, conforme o INCRA está teria seu registro cassado (ARRUDA, 1997, p. 35 apud SOUZA, 2008, p.36).

2.1 ATIVIDADE EMPRESARIAL DA COLONIZADORA SINOP E OS FATORES CONTRIBUTIVOS PARA O INÍCIO DO CRESCIMENTO

Em 1972 se iniciaram as atividades da Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná (SINOP), e estas foram intermediadas pela Colonizadora Sinop S.A. que foi responsável pela implantação do projeto de colonização da Gleba Celeste, que de início possuía 480.000 hectares. A Colonizadora Sinop S.A. visa ocupar, povoar e desenvolver área através da venda de lotes urbanos. O início da colonização da Gleba Celeste se deu em 1972, através da venda dos lotes para os colonos, estes lotes eram vendidos à vista ou a prazo, e poderiam ser financiados pelo Banco do Brasil, e serem pagos em prestações de seis meses a dois anos.

Em 1970 o Grupo Sinop, veio a fazer parte dos programas de política oficial, buscando a valoração e integração da Amazônia. A partir de 1972, com o Decreto nº. 18, o INCRA autoriza a venda de terras no Norte do Estado, zona de mata, a 500 quilômetros do Norte de Cuiabá/MT, cortada pela BR163 (VIDIGAL, 1992, p. 86 apud SOUZA, 2008, p. 39-40).

A partir da década de 70, várias cidades do Estado de Mato Grosso tiveram um crescimento urbano considerável. Dentre elas, destaca-se a cidade de Sinop, que passa por uma supervalorização do seu espaço urbano, tornando-se o mais importante polo de desenvolvimento da região norte do Mato Grosso. Teve em seu espaço urbano a aparição dos primeiros edifícios e as casas de madeira começaram a ser substituídas por casas de alvenarias. Importante constar que essas transformações também ajudaram no aumento do valor solo urbano (SOUZA, 2004, p. 198-199).

2.2 CONTRIBUIÇÕES DA IGREJA E DAS ESCOLAS PARA O CRESCIMENTO DE SINOP

A contribuição da igreja para com os colonos foi de buscar integração e meios de adaptação aquele ambiente totalmente novo, isto porque os migrantes que recentemente estavam chegando ao local precisavam de um apoio que não derivasse na colonizadora tanto no meio social, psicológico e espiritual. Esse apoio veio da igreja, que no processo de implantação da expansão realizada pela colonizadora teve um papel fundamental.

Desde os primórdios da colonização do Brasil, a igreja esteve presente na vida dos colonos, preparando-os para se adaptarem e fixarem na terra. O vínculo entre igreja e colonizadores foi fundamental no processo de implantação do processo colonizador. Desconsiderando os conhecimentos dos povos indígenas, a educação formal e informal que se estabeleceu na colônia, teve como objetivo a formação de uma nova identidade tanto para os colonos, quanto para os índios que aqui residiam. Assim, a igreja atuou efetivamente num processo formativo que se estendeu pelos quinhentos anos de colonização. Essa estratégia educacional continua presente nos dias atuais quando observamos os processos de colonização da Amazônia, onde a presença da igreja exerce um papel fundamental no intuito de formar colonos (ROSA, p. 39 apud SOUZA, 2004, p. 167).

Desde o início as primeiras construções foram a escola e a igreja, estas tinham fins comunitários e era através dessas construções os migrantes demonstravam o espírito cristão. Havia alguns critérios que a colonizadora Sinop devia seguir para conseguir a aprovação do INCRA para seu projeto de colonização da região, dentre eles a necessidade de implantação de escolas.

[...] A colonizadora se responsabilizaria pela implantação da infra-estrutura básica (demarcação do perímetro da área a ser colonizada, parcelas individuais, construção de estradas); infra-estrutura social (construção de escolas, postos de saúde, construção do perímetro urbano); assistência técnica e creditícia. Caso a colonizadora não implantasse o mínimo de infra-estrutura básica exigida pelo INCRA, poderia ter seu registro cassado. (BARROZO, 2008, p.36).

A primeira professora de Sinop, Terezinha Pissinati Guerra deu início às atividades escolares em setembro de 1973, numa sala de madeira com chão batido, sem forro e de estrutura pequena que foi construída pelos próprios migrantes, isto porque a Colonizadora Sinop prometeu uma escola, mas não a fez (ROHDEN; SÁ, 2014, p. 349).

Ela foi a primeira extensão da escola estadual em 1974, denominada Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, da cidade de Vera, que consistia em três salas individuais feitas de madeira, com cobertura de zinco – esta que atrapalhava as aulas devido ao barulho (SANTOS, 2007, p. 120).

As madeireiras recebiam incentivos para a construção de escolas em suas colônias para que os filhos de seus funcionários estudassem. Eram escolas mantidas pela prefeitura dentro do espaço físico da madeireira.

[...] às vezes tal ajuda se dá de maneira por demais assistencialista, mantendo facilmente as comunidades submissas aos caprichos das firmas, sobretudo quando estas necessitavam de apoio do povo. Escolas e igrejas construídas com a ajuda das firmas, naturalmente, obrigam, pelo menos indiretamente, os padres e professores a se manterem ao lado dos interesses das firmas ou então neutros, nunca críticos. (SOUZA, 1999, p.172).

O acentuado crescimento do município traz junto consigo o desejo da população em ter acesso ao ensino superior, para consolidar este crescimento:

O ensino superior em Sinop, dá seus primeiros passos, no ano de 1990, quando ocorre a instalação da Fundação Estadual de Ensino Superior de Cáceres, origem da Universidade Estadual de Mato Grosso, UNEMAT, com cursos de Letras, Matemática e Pedagogia. (SANTOS, 2007, p. 155).

Devido à exigência e a necessidade instala-se para fortalecer cada vez mais o setor educacional a Universidade Federal de Mato Grosso.

A universidade Federal de Mato Grosso começou a marcar presença em Sinop no ano de 1989 quando implantou na cidade o Polo do Projeto UNESTADO que a Instituição passou a desenvolver no interior do Estado. Em 1992, a Universidade instalou-se em definitivo com alguns cursos de Pós-Graduação. (SANTOS, 2007, p. 156).

Procurando abranger as exigências impostas pela sociedade contemporânea foi necessário buscar alternativas para que todas às crianças, jovens e adultos tivessem esse direito da educação garantido.

A rápida expansão do município de Sinop, em especial no setor educacional contribuiu notavelmente para o crescimento e o desenvolvimento do mesmo, originando assim desafios que exigem atitudes do poder público, privado e da sociedade num todo, garantindo assim um acréscimo no setor econômico social e cultural.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL NILZA DE OLIVEIRA PIPINO

É de suma importância ressaltar que a Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino foi uma grande contribuinte para a evolução do sistema educacional em Sinop. Conforme consta no Projeto Político Pedagógico (2015/2016):

A Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino foi a primeira escola a ser criada no município de Sinop/MT. Entrou em funcionamento em setembro de 1974, como extensão da Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro da cidade de Vera/MT. Foi instalada em Sinop com o objetivo de atender à demanda de crianças em idade escolar. Foi construída com recursos do Governo Estadual, sendo o terreno doado pela colonizadora Sinop. Sua estrutura inicial era de madeira, recurso abundante naquela época. Contou, inicialmente, com três salas de aula. Com o decorrer do tempo, cresceu a demanda de alunos e o número de salas foi ampliado. Em 1978 foi inaugurada a primeira ampliação da escola feita em alvenaria.

Atualmente a estrutura da escola é muito maior, conforme o Projeto Político Pedagógico, está estruturada em um terreno de 13 mil m², tem uma área construída de 1.149,75 m² e é composta por 18 salas.

Sua patronesse é a Senhora Nilza de Oliveira Pipino, esposa do colonizador Enio Pipino, ambos responsáveis pela fundação das cidades de Claudia, Vera, Santa Carmen e Sinop. D. Nilza foi grande incentivadora dos projetos do marido e sempre se dedicou ao trabalho social. Por este motivo, em 1976 a Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Sinop, passou a se chamar Nilza de Oliveira Pipino, em sua homenagem, por meio do decreto nº 767 do então Governador de Mato Grosso José Garcia Neto. A ideia de homenagear D. Nilza partiu dos professores que atuavam na época, na escola. Esta homenagem ocorreu devido a sua dedicação para com os alunos e crianças do município. Os uniformes, calçados e cadernos dos alunos eram doados por ela. D. Nilza, que faleceu em 21 de fevereiro de 1984, com 64 anos. (PPP, 2015/2016).

A escola é mantida pelo governo do Estado de Mato Grosso, com intermédio da Secretaria de Estado de Educação, sob a jurisdição da Assessoria Pedagógica. Atende 1041 alunos, com 568 no período matutino e 473 no vespertino. Oferece as duas modalidades de Ensino (ciclo de formação humana e seriada). O Projeto Político Pedagógico (2015/2016) apresenta que:

A escola tem a função de auxiliar na formação integral do ser humano, nos seus aspectos psíquicos, físicos e sociais, para que o mesmo tenha plenas condições de lutar com igualdade na busca por melhores condições de vida e de melhorias para a comunidade onde está inserido.

Quando falamos em formação humana integral estamos nos referindo à educação que rompa com os laços daquela que historicamente tivemos e que atendia aos interesses do mercado, que simplesmente formava mão-de-obra barata. Referimo-nos à educação com qualidade social, àquela que propicia aos educandos e educandas, refletir criticamente a realidade na qual está inserido, com autonomia e liberdade de escolha. Neste sentido, liberdade de escolha está relacionado à construção mais ampla possível do conhecimento e já que tem conhecimento amplo, tem a liberdade para criticamente escolher.

Não somente àquela educação que propicie a construção apenas dos conhecimentos cognitivos, mas também que contribua para desenvolver atitudes e comportamentos de uma sociedade mais justa e igualitária.

Essa função da escola é de grande importância para o aprendizado dos alunos, beneficia para o aprendizado escolar como para a vida.

4 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL ENIO PIPINO

De acordo com o Plano Político Pedagógico (PPP) da Escola Estadual EnioPipino do ano de 2016, esta instituição de ensino foi criada pelo Decreto Lei nº 1246 de 10 de agosto de 1981, homenageando o colonizador EnioPipino e é mantida pelo Governo do Estado de Mato Grosso por meio da Secretaria de Estado de Educação, sob a jurisdição da assessoria pedagógica de Sinop, atendendo a educação básica, que compreende o ensino fundamental.

A escola tem como objetivo acolher toda a comunidade escolar e propiciar aos alunos possibilidade de se sentirem parte do contexto escolar, parte fundamental do processo educativo, sendo valorizados, respeitados e principalmente estimulados.

O processo de aprendizado ocorre através das trocas de conhecimento entre aluno e professor ou aluno e aluno, onde o professor deve buscar a interação, o diálogo e o respeito as diferenças. Conforme o PPP (2016) “a escola Enio atende aproximadamente 1.400 alunos.

5 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL OLIMPIO JOÃO PISSINATI GUERRA

A Escola Estadual Olimpio João Pissinati Guerra, conforme o site da escola, atende o ensino fundamental e médio, é mantida pelo Governo do Estado do Mato Grosso, pela Secretaria de Estado de Educação. Foi construída no ano de 1984, seu decreto de criação é o nº 1203 de 22 de janeiro de 1985, e foi inaugurada em fevereiro de 1985, sendo autorizada a funcionar pela resolução nº 109/86.

Tem como objetivos e princípios:

Sua ação educativa fundamentada nos princípios da universalização de igualdade de acesso, permanência e sucesso, da obrigatoriedade da educação e da gratuidade escolar. A proposta é uma escola de qualidade, democrática, participativa e comunitária, como espaço cultural de socialização e desenvolvimento do educando, preparando-o para o exercício de direitos e o cumprimento de deveres, sinônimo de cidadania (ESCOLA PISSINATI, 2018).

A escola atende o que está disposto na Constituição Federal e nas Estaduais: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e Estatuto da Criança e do Adolescente.

6 PRÁTICAS DOCENTES NAS TRÊS PRIMEIRAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE SINOP/MT

As práticas docentes das três primeiras escolas públicas estaduais de Sinop/MT – Nilza de Oliveira Pipino; Enio Pipino e; Olimpio João Pissinati Guerra, as quais foram conhecidas por meio de entrevistas com o uso de 5 (cinco) questões feitas para o organizador da parte documental da história do município de Sinop/MT da Colonizadora Sinop e para os docentes destas mesmas instituições de ensino. Pode-se perceber que houveram muitas dificuldades, uma delas foi com relação a formação dos professores, onde poucos eram formados e aqueles que tinham formação não tinham experiência. Os que não tinham formação acadêmica, conforme Xavier (2007, p. 42), tinham “sua formação perpassada por transmissão de saberes que influenciaram hábitos, atitudes, habilidades e valores”, e “enquanto a instrução pública mato-grossense não contasse com professores habilitados, os administradores deveriam continuar aceitando, para o exercício do magistério, pessoas que soubessem ao menos os rudimentos da leitura, da escrita e do cálculo” (XAVIER, 2007, p. 46). Tratando da problemática de formação de professores:

(01) Professor LS: Eu vejo na educação, me situando na década de 80, que a maioria dos professores naquela época ainda não tinha formação a nível superior, mas nós tínhamos grandes professores, por mais que não tivessem a formação, tinha boa vontade, interesse e busca pessoal para transmitir aos alunos. Foi nessa época que conheci em Sinop grandes professores. Eram pessoas que se dedicavam, sofriam pela escola e pelos alunos, participavam de tudo de corpo e alma.

Neste mesmo enfoque:

(02) Professora MB: Naquela época era difícil ser professor porque no meu caso, recém formada, você não tinha nem onde comprar uma cartolina na cidade, a dificuldade era a falta de material, de conhecimento, só tinha mato, só tinham onde comprar as coisas em Cuiabá, porém, as irmãs como elas tinham colégio em Maringá elas traziam na medida do possível alguns materiais, mas não tinha quase

nada, tinha que se virar, inventar seu próprio método, não tinha biblioteca, comecei lecionando para a primeira série, mas eu nunca tinha lecionado para a primeira série, então essas eram as dificuldades, mas o comportamento dos alunos eram outros, hoje você tem tudo que você quiser, você tem vídeo, internet, tem tudo para pesquisar, mas na verdade os alunos não querem nada, talvez aquele tempo você mostrar com uma planta a raiz, o caule, as folhas era mais interessante do que hoje com todos os equipamentos que se tem. As dificuldades no fim empatam com as evoluções de hoje, porque hoje tem tudo para ensinar, mas está difícil atrair a atenção da “criançada”. [...] Como eu tinha acabado de formar, precisei inventar novos métodos para ensinar, utilizava o que tinha em Sinop para dar as aulas, como os peixes, aviões, mato e índios, criava uma história, e acrescentada nela à disciplina e como ela gostaria que os alunos fossem.

É nítido que a falta de formação não foi empecilho para a educação, mesmo com a falta de formação, existia a vontade dos professores de ensinar e a vontade dos alunos de aprender.

(03) Professor IW: Naquela época, comparando com hoje era bem mais fácil de trabalhar, porque os alunos, embora muitos do ensino médio já trabalhavam durante o dia, a noite mesmo estando cansados tinham interesse muito maior no estudo do que se pode ver hoje, os alunos em sala de aula eram muito mais interessados e aplicados, e os pais participavam mais da escola, a comunidade participava. E pra gente trabalhar isso dependia da vontade da gente, porque eu sempre gostava de trabalhar com os alunos, em sala de aula eu esquecia tudo, o problema era as vezes fora da sala de aula em relação aos altos e baixos que se tem até hoje com os nossos governos, uns apoiavam a educação e outros não, por isso hoje eu falo, ou me dá as condições para trabalhar ou me paga bem para eu organizar minhas aulas, porque hoje você precisa de tecnologia, sem um datashow por exemplo, como você vai dar aula?, os alunos querem tecnologia, mas se o Estado não te dá e você não pode comprar, fica complicado.

Além da falta de formação, os professores tiveram que lidar com a falta de pagamento dos salários nas datas corretas, acabavam sendo pagos com atrasos,

como afirma Xavier (2007, p. 44-45) “os principais problemas consistiam principalmente [...] na insuficiência dos ordenados marcados para os mestres que não podiam ser pagos pontualmente”.

(04) Professor LS: Eu cheguei aqui em 83, e fui dar aula de história na escola Nilza, era uma época difícil porque começava do salário, não é que era um mau salário, mas o problema era que atrasava, a gente começava a lecionar no começo do ano, fevereiro e em 84 nós terminamos o primeiro semestre sem ver um ‘tustão’ do salário, ficamos meio ano sem receber.

(05) Professora DV: Quando a gente fala de desafios, podemos falar de salário, eu cheguei a passar fome como professora, por volta de 86, porque nós ficamos muitos meses sem receber”.

Havia também o problema da falta de material para ministrar as aulas, que no Mato Grosso eram definidos como os suprimentos destinados aos alunos como exemplo, papel, tinta, lápis, entre outros.

A falta desses materiais era objeto de constantes reclamações por parte dos professores e inspetores. Nas várias correspondências analisadas circulavam, ao lado das queixas elaboradas pelos professores e inspetores, pedidos para que as escolas fossem providas de objetos necessários as atividades pedagógicas, sem os quais a execução do ensino se inviabilizaria (XAVIER, 2007, p. 77).

Porém essas faltas de recursos também não foram empecilhos, fez parte dos desafios que foram enfrentados e vencidos.

(06) Professor IW: Os desafios, no começo foi que a gente tinha muita vontade, mas sabia que os recursos eram limitados, e aí tinha que se virar dentro daquilo, mas com a colaboração de todo mundo foi crescendo e trabalhando, com o apoio da direção da escola, dos pais e dos próprios alunos, hoje a gente pode ver o resultado daquilo que a gente plantou naquela época.

(07) Professora DV: Ser professora lá foi ajudar a construir toda a minha área de trabalho, juntamente com a comunidade escolar, eu ganhava uma bicicleta na rua, nunca vou me esquecer disso, aí os alunos ajudavam a vender a rifa, com o dinheiro a gente comprava o material, eu fazia um trabalho para a prefeitura de Sinop com os alunos para um evento que iria ter, e em troca eles me davam mão de obra [...] No meu ponto de vista, se nos falarmos do ensinar é fácil ensinar quando você tem diversos subsídios na mão, agora quando você não tem material, é muito difícil. Esse ensinar, é você ensinar com amor, é você querer que o seu aluno aprenda o que você está ensinando, é você querer ser melhor. O ensinar é uma troca mútua, toda vez que você contribui, você recebe.

(08) Professora MM: Era difícil, porque não tinha recurso, tinha pouca formação, falta de oportunidade, e a gente trabalhava com o que tinha na mão, eram poucos os recursos.

Dentre esses problemas, ainda pode-se ressaltar sobre as inovações tecnológicas que não conseguiram alcançar a escola.

(09) professor JS: Digamos que as inovações e tecnologias elas não alcançam a escola, se nos olharmos hoje às escolas não tem nem computador para todos os alunos, mas todo mundo tem computador em casa, a escola não usa o celular, mas todos os alunos têm celulares, ou a maioria deles, então a gente ainda não sabe como lidar com essas coisas, eu penso que nós estamos tentando ensinar algo que se iniciou lá na idade das luzes, no processo industrial, mas isso já acabou, acho que essa é a dificuldade, as famílias também não ligam pra muito para isso, não é mais uma comunidade de famílias que querem crescer juntas. [...] Toda sociedade foi se modificando e o modelo não se modificou, o que acontece é que nós acabamos sendo um espaço de armazenamento de crianças, um lugar onde se deixam as crianças porque não se tem outro lugar para deixar, elas ficam ali, com todos os problemas quem tem, com algumas pessoas para cuidarem, e ali tu vai aprender algumas coisas que não se aprende na sociedade, tem um ritmo de conhecimento a ser desenvolvido.

Com o crescimento acelerado da cidade, o setor educacional também teve grandes avanços.

(10) Professor JS: O quadro de professores foi qualificado, claro que tivemos um crescimento muito grande de alunos, uma cidade de vinte mil habitantes, cresceu para cento e cinquenta mil habitantes, mas ela tem um quadro profissional qualificado, digamos assim, se pensarmos em 85, também era qualificado para a época em nível de magistério, a formação era boa, o problema não é da escola, ele é social, as crianças ficam sem uma estrutura familiar que controle elas, porque no fundo tudo é controle, elas ficaram sem um controle, sem um eixo, se desfez a questão das comunidades, hoje as crianças não se conhecem mais, os pais não se conhecem, uns são de um lugar e outros de outro, e só convivem naquele momento, e em outros momento convivem com outras crianças, as vezes em ambientes não tão legais, até perigosos. Com relação a falta de estrutura familiar, de 1978 a 2015, houve uma perda muito grande da comunidade, no lugar onde todos conheciam todos e eram amigos, passaram a ser apenas colegas ou desconhecidos. Os próprios pais dos alunos deixaram de acompanhar assiduamente os filhos nas escolas.

Ressalta-se também que, os professores passaram a ser menos valorizados.

(11) Professor JZ: Antigamente o professor era mais valorizado, hoje tem um pouco mais de dificuldade de trabalhar em sala de aula devido, talvez por causa da desvalorização que muitas vezes encontramos, principalmente, não só a desvalorização profissional, mas também, muitas vezes, falta de respeito por alguns alunos.

Entretanto, mesmo perante a desvalorização e os problemas no decorrer do caminho, inúmeros professores não desanimaram e continuaram lutando pela educação.

(12) Professora DV: O aluno é o que você constrói. Ser professor, em cada dia é diferente, nenhum dia é igual, e o mais incrível é que cada dia era melhor. No fator

ensinar, tudo que você transmite com amor o aluno te retribui com amor, é obvio que você como professora precisa ser determinada. E as perspectivas eram sempre as melhores, nós queríamos o melhor para escola e para o aluno. [...] eu não gosto muito de salientar o negativo, porque eu acho que o que é negativo ele deixou de ser construtivo, o positivo, foi assim, davas meus pulos e conseguia material, eu conseguia fazer os alunos felizes nas minhas aulas, eu era uma professora brava (risos), os pontos positivos foi que eu consegui ensinar os alunos.

Morigi (2016, p. 30) define a educação como um processo para a vida toda, e que deve acontecer todo lugar por toda vida e também afirma que a cidade tem a sua função ligada as pessoas que residem nela, abrangendo toda a comunidade.

A melhoria da qualidade de ensino não deve ser uma responsabilidade exclusiva dos governos municipais, estaduais e federais, e sim o resultado de uma ação integrada de organismos ligados à educação, cultura, lazer, esporte, ciência e tecnologia, assistência social, saúde, governamentais ou não. É preciso caminharmos na construção de uma concepção de Sociedade Educadora, em que a tarefa de educar ultrapasse os limites da escola sem desconsiderar sua importância, oferecendo oportunidades em todos os espaços da cidade para acesso a atividades em benefício da população escolar. Todos os entes federativos – municipais, estaduais ou federais – podem assumir uma dimensão educativa e pedagógica em suas ações, reconhecendo também o caráter educativa da vida diária de uma cidade, realizada em igrejas, associações, sindicatos e demais organizações. (MORIGI, 2016, p. 151).

A educação é constituída no berço familiar, e as escolas existem para reforçar a educação dada em casa e dar acesso ao aprendizado para que o educando possa construir uma vida digna, com uma boa formação, um bom emprego e uma boa qualidade de vida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa pode-se constatar que o município de Sinop-MT cresceu rapidamente, contando com a atividade empresarial da Colonizadora Sinop, com a igreja e com as próprias escolas. Juntamente com o crescimento da cidade houve o crescimento de inúmeros setores, entre eles a educação.

Para visualizar a construção do sistema escolar, foram estudados três exemplos, sendo a escola estadual Nilza de Oliveira Pipino, a escola estadual Enio Pipino e a escola estadual Olímpio João Pissinati Guerra.

Através de entrevistas realizadas com professores que lecionavam e alguns ainda lecionam nessas três escolas, verificou-se que mesmo com as dificuldades, houveram vários períodos de evolução, os quais agregaram inúmeros pontos positivos, como exemplo o fato do município de Sinop-MT ser considerado atualmente um polo educacional por ter inúmeras creches, escolas municipais, estaduais, particulares, ensino técnico e ensino superior.

SINOP, HISTORICAL AND EDUCATIONAL EVOLUTION FROM ITS THREE FIRST STATE SCHOOLS

ABSTRACT²

This article aims to know the construction of the school system and the contribution that those evolutions have brought to the development and growth of education in the municipality of Sinop / Mato Grosso. The case study was carried out with teachers who taught from the years of 1978 to 2015 in the State Schools Enio Pipino, Nilza de Oliveira Pipino and Olímpio João Pissinati Guerra. The methodology had a qualitative approach. The results pointed out many advances, as the transformation of the municipality into an educational center. Theoretical framework with Edison Antônio de Souza, Luiz Erardi dos Santos e Ana Paula da Silva Xavier.

Keywords: Education. Historical Evolution. School System. Contribution

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Jose Soares. **Mato Grosso em foco**. Cuiabá: Edição Guiapress, 1989.

² Resumo traduzido pela Professora Mestre Betsemens B. de Souza Marcelino. Professora Interina do Curso de Letras da UNEMAT/Sinop/MT. Mestre em Estudos da Linguagem pela UFMT/Cuiabá. Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop.

ESCOLA PISSINATI. **Quem somos nós.** Disponível em <<http://www.escolapissinati.org.br/p/historico.html?m=1>>. Acesso em: 07 jan. 2018.

MATO GROSSO. Secretaria Estadual de Educação e Cultura. Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino. **Projeto Político-Pedagógico.** Sinop, 2015/2016.

_____. Secretaria Estadual de Educação e Cultura. Escola Estadual Enio Pipino. **Projeto Político-Pedagógico.** Sinop, 2016.

MORIGI, Valter. **Cidades educadoras:** possibilidades de novas políticas públicas para reinventar a democracia. Porto Alegre: Sulita, 2016.

PROFESSOR DV. **Professor DV:** depoimento [2017]. Entrevistadora: Ledir Feyh Steffen. Sinop, 2017, 2 f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso A Construção do Sistema Escolar a partir de três exemplos de Sinop/MT (1978 a 2015).

PROFESSOR IW. **Professor IW:** depoimento [2017]. Entrevistadora: Ledir Feyh Steffen. Sinop, 2017, 3 f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso A Construção do Sistema Escolar a partir de três exemplos de Sinop/MT (1978 a 2015).

PROFESSOR JS. **Professor JS:** depoimento [2017]. Entrevistadora: Ledir Feyh Steffen. Sinop, 2017, 1 f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso A Construção do Sistema Escolar a partir de três exemplos de Sinop/MT (1978 a 2015).

PROFESSOR JZ. **Professor JZ:** depoimento [2017]. Entrevistadora: Ledir Feyh Steffen. Sinop, 2017, 5 f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso A Construção do Sistema Escolar a partir de três exemplos de Sinop/MT (1978 a 2015).

PROFESSOR LS. **Professor LS:** depoimento [2017]. Entrevistadora: Ledir Feyh Steffen. Sinop, 2017, 2 f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso A Construção do Sistema Escolar a partir de três exemplos de Sinop/MT (1978 a 2015).

PROFESSOR MB. **Professor MB:** depoimento [2017]. Entrevistadora: Ledir Feyh Steffen. Sinop, 2017, 2 f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso A Construção do Sistema Escolar a partir de três exemplos de Sinop/MT (1978 a 2015).

PROFESSOR MM. **Professor MM:** depoimento [2017]. Entrevistadora: Ledir Feyh Steffen. Sinop, 2017, 3 f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso A Construção do Sistema Escolar a partir de três exemplos de Sinop/MT (1978 a 2015).

ROHDEN, Josiane Brolo; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. Do Sul para o Centro-Oeste: a saga de migrantes sulistas para o norte de Mato Grosso – histórias de muitas

vidas e de uma escola 'inventada' (1973-1979). **Cadernos de História da Educação**, v. 13, n. 1, jan./jun. 2014. Disponível em:
<<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/28182/15543>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

SANTOS, Luiz Erardi. **Raízes da História de Sinop**. Sinop: Grafitec, 2007.

SOUZA, Edison Antônio de. História de Sinop: Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná. In: BARROZO, João Carlos (Org.). **Mato Grosso do sonho à utopia da terra**. Cuiabá: EdUFMT. Carlini & Caniato Editorial, 2008.

_____. **Sinop: História, Imagens e Relatos**. Um estudo sobre a sua Colonização. Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2004.

SOUZA, Ernani Lúcio Pinto de. **A Organização Industrial do Setor Madeireiro de Sinop, Mato Grosso**: Uma Análise da Estrutura de Mercado. Dissertação de Mestrado em Economia, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém. 1999.

XAVIER, Ana Paula da Silva. **A leitura e a escrita na cultura escolar de Mato Grosso**: 1837-1889. Cuiabá: Entrelinhas: EdUFMT, 2007.

Correspondência:

Ledir Feyh Steffen. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: ledirsteffen@hotmail.com

Recebido em: 28 de abril de 2018.

Aprovado em: 28 de maio de 2018.